

RELATÓRIO DOCUMENTAL · 09 SEPTEMBER 2026

O Inverno Carmesim

Repressão do levantamento de 2025-26 na República Islâmica do Irã: um relatório documental



42,000+ manifestantes mortos	100,000+ detidos	200+ cidades, todas as 31 províncias	8-9 Jan noites mais mortíferas
--	----------------------------	--	--

Compilado do arquivo público em iranholocaust.org. Projeto de documentação independente; não afiliado a nenhum governo, partido político ou organização de oposição. Lançado sob CC BY 4.0.

Resumo executivo

Entre o final de dezembro de 2025 e fevereiro de 2026, a República Islâmica do Irã enfrentou o maior movimento de protesto sustentado de sua história. Manifestações registradas em mais de 200 cidades em todas as 31 províncias foram recebidas com fogo real, prisões em massa e, a partir de janeiro de 2026, execuções aceleradas de manifestantes detidos.

Este relatório reúne o registro público mantido pelo arquivo em iranholocaust.org: a cronologia dos protestos, os eventos das noites de 8 e 9 de janeiro de 2026, os números de vítimas e detenções compilados por monitores independentes, as instituições que realizam a repressão e a resposta de governos estrangeiros e organismos multilaterais. Cada seção é extraída da página publicada correspondente do arquivo, que contém a origem por item.

Os números citados aqui são estimativas compiladas sob condições de restrição de internet, tribunais fechados e negação de acesso a investigadores independentes. Devem ser lidos como um mínimo documentado, e não como um total definitivo; as limitações são apresentadas na seção 7.

Principais constatações

1. A força letal foi usada contra manifestantes desarmados como um método rotineiro de controle de multidões, e não como uma resposta excepcional à violência.
2. As noites de 8 e 9 de janeiro de 2026 marcam o período mais mortal registrado da revolta, com Rasht, na província de Gilan, registrando o maior número de mortes em uma única noite.
3. Execuções após processos fechados, sem advogado de escolha do réu e com confissões que os réus alegaram terem sido coagidas, continuaram durante todo o período.
4. Interrupções de comunicações foram impostas em conjunto com as operações mais pesadas, suprimindo a documentação contemporânea e diminuindo os números registrados de vítimas.
5. A reação internacional foi em grande parte declaratória. Declarações de preocupação raramente foram acompanhadas por sanções estruturais, relações rebaixadas ou encaminhamentos para mecanismos de responsabilização.
6. A base de provas está incompleta por design do Estado. Monitores independentes, famílias e redes da diáspora continuam a ser o principal canal de documentação.

Conteúdo

1. Contexto: como a revolta começou
 2. Cronologia dos protestos
 3. As noites de 8 e 9 de janeiro de 2026
 4. Vítimas, detenções e execuções
 5. O aparelho de repressão
 6. A resposta internacional
 7. Metodologia e limitações
- Placa: os mortos, nomeados
8. Recomendações
- Anexo: fontes e conjuntos de dados

Nota de conteúdo: este relatório descreve assassinatos, tortura, mortes sob custódia, violência sexual e execuções, incluindo de menores.

SEÇÃO 1

Contexto: como a revolta começou

As causas por trás da revolta atual, o que a diferencia das ondas de protesto anteriores e como o Estado respondeu.

Resposta curta. Os iranianos estão protestando porque quatro décadas de queixas convergiram: o hijab obrigatório e a vigilância dos corpos femininos, execuções em massa, uma economia em colapso e a falta de necessidades básicas como água e eletricidade. A onda atual começou no final de dezembro de 2025 e se espalhou por mais de 200 cidades, sendo recebida com tiros reais, prisões em massa e bloqueios da internet.

Sobre o que as pessoas estão protestando?

- **O hijab obrigatório e a vigilância das mulheres.** A Patrulha de Orientação, a vigilância de mulheres em carros e locais de trabalho, e a morte de Mahsa Amini em 2022 continuam sendo o símbolo do controle estatal sobre a vida privada.
- **Execuções.** O Irã executa mais pessoas do que qualquer outro país, exceto a China, incluindo manifestantes condenados após julgamentos sumários. Veja execuções.
- **Colapso econômico.** A desvalorização cambial, a inflação e os salários não pagos empurraram grande parte da classe média assalariada para a pobreza.
- **Falha na infraestrutura.** Apagões rotativos, escassez de gás no inverno e grave falta d'água provocaram protestos em cidades do interior que haviam permanecido caladas em ondas anteriores.
- **Nenhum caminho para a mudança.** Eleições controladas, advogados presos e jornais fechados deixam a rua como o único canal restante.

Quando começaram os protestos atuais?

A Inverno Carmesim a revolta começou no final de dezembro de 2025 e se intensificou drasticamente em janeiro de 2026. As noites de 8 e 9 de janeiro de 2026 produziram os maiores números de mortos em uma única noite, sendo Rasht a cidade mais afetada.

Como isso é diferente de 2009, 2019 e 2022?

Onda	Gatilho	Exigência central
Movimento Verde de 2009	Eleição presidencial contestada	Reforma dentro do sistema
Aban de 2019	Aumento do preço da gasolina	Alívio econômico; depois, mudança de regime
2022 Mulher, Vida, Liberdade	Morte de Mahsa Amini	Fim do hijab obrigatório e do regime clerical
Inverno Carmesim 2025–2026	Acumulado: preços, apagões, execuções	Fim da República Islâmica

O levante iraniano de 2026 — Inverno Carmesim: cronologia, cidades, vítimas e a repressão da República Islâmica.

A Revolta.

Quarenta e sete anos, em quatorze capítulos de violência estatal — do telhado da Escola Refah às ruas de Rasht.

Origem — a arquitetura da repressão.

Na noite de **15 de fevereiro de 1979**, três dias após o retorno de Khomeini, quatro generais do exército do Xá foram executados no telhado da Escola Refah, em Teerã. Eles foram julgados por um tribunal

revolucionário de um só homem, liderado por **Sadegh Khalkhali**, “o juiz enforcador”. Em dez meses, o novo estado havia executado mais de 500 pessoas. A estrutura institucional da República Islâmica — tribunais revolucionários, patrulhas da moralidade, a CGRI, os comitês da morte — foi estabelecida naqueles primeiros meses.

Fontes: Centro Boroumand, Anistia Internacional (1980), Ervand Abrahamian, *Confissões Torturadas*.

O reino do terror.

Após a manifestação em massa de **20 de junho de 1981** ser esmagada, o regime voltou-se contra a esquerda, o Partido Tudeh, grupos de esquerda independentes e a **comunidade Bahá'í**. A Anistia documentou pelo menos 2.946 execuções somente em 1981; o número real é maior. **Asadollah Lajevardi**, promotor em Evin, tornou-se o arquiteto da tortura e execução em massa. Em 1982, a maioria das principais organizações de oposição havia sido dizimada, seus líderes mortos e seus membros forçados à clandestinidade ou ao exílio.

Fontes: Anistia Internacional, o Centro Boroumand, Comunidade Internacional Bahá'í.

Os massacres nas prisões.

Seguindo a fatwa secreta de Khomeini no final de julho de 1988, “comitês da morte” em Evin, Gohardasht e prisões por todo o país interrogaram prisioneiros políticos — a maioria já cumprindo penas — por poucos minutos cada. Aqueles que não renunciaram às suas crenças foram enforcados. As estimativas variam de 4.500 a mais de 30.000 executados ao longo de dois meses. Os corpos foram enterrados em valas comuns não identificadas em **Khavarán** e outros lugares; até hoje, as famílias são proibidas de lamentar seus mortos.

O Grande Aiatolá **Hossein-Ali Montazeri**, então sucessor designado de Khomeini, opôs-se aos assassinatos: “O maior crime da República Islâmica, pelo qual a história nos condenará, foi cometido por sua ordem.” Ele foi removido da sucessão.

Fontes: Anistia: Segredos Manchados de Sangue (2018), Centro de Documentação de Direitos Humanos do Irã.

Os assassinatos em série.

Entre 1988 e 1998, dezenas de dissidentes, intelectuais e escritores foram mortos dentro do Irã por agentes do Ministério da Inteligência. Os assassinatos de **Dariush Forouhar e Parvaneh Eskandari** (22 de novembro de 1998), **Mohammad Jafar Pouyandeh** e **Mohammad Mokhtari** finalmente forçaram uma admissão. A resposta do estado foi identificar um vice-ministro, **Saeed Emami**, como “principal culpado”; ele morreu sob custódia em 1999, oficialmente por suicídio ao beber creme depilatório.

SEÇÃO 2

Cronologia dos protestos

Como começou o Inverno Carmesim: o colapso do rial, a greve no bazar e os primeiros apagões de dezembro de 2025.

A revolta que produziu o mês mais letal da história da República Islâmica não começou em 8 de janeiro. Começou cinco semanas antes, com um colapso cambial e um bazar fechado. Esta página registra dezembro de 2025 em seus próprios termos.

Quantos foram mortos? Veja o monitor de mortes no Irã — contagens nominais verificadas, números oficiais e a diferença entre eles, por período.

Dia a dia

Início de dezembro	O rial quebra A moeda passou de 120 mil tomans por dólar. Os preços do pão, dos medicamentos e do combustível subiam semanalmente. Cortes de energia de seis a oito horas por dia eram rotina em Teerã, Karaj e Isfahan.
Meados de dezembro	Greves no bazar começam Comerciantes do Grande Bazar de Teerã fecharam suas lojas por causa da taxa de câmbio e da liberação de importações. A greve se espalhou para Tabriz, Isfahan e Mashhad em poucos dias.
Final de dezembro	Dos preços ao sistema Os gritos passaram do custo de vida para o próprio Estado. Protestos foram registrados em mais de 180 cidades. Caminhoneiros e trabalhadores terceirizados da petroquímica aderiram com paralisações intermitentes.
28 a 31 de dezembro	Primeiras mortes e primeiros apagões As forças de segurança atiraram contra multidões em várias cidades provinciais. A internet móvel foi limitada à noite nas províncias curda e balúchi — o padrão que precederia os assassinatos de janeiro.

Por que dezembro é importante

Os assassinatos de janeiro são geralmente noticiados como se tivessem começado no dia 8. Não começaram. Dezembro de 2025 é quando o protesto mudou de caráter: de uma greve no bazar sobre a taxa de câmbio para um movimento nacional contra o sistema, e de contenção policial para o primeiro uso de tiros reais e apagões regionais de internet. Cada elemento das Duas Noites foi ensaiado na última semana de dezembro.

Isso também explica a geografia. A revolta não começou no norte de Teerã. Começou nos distritos comerciais e nas províncias — Rasht, Neyshabur, Marvdasht, Javanrud, Azna, Kermanshah — lugares sem bureaux de correspondentes e sem largura de banda.

O que foi contabilizado em dezembro

Nenhum monitor publicou um número apenas de dezembro. A lista verificada Crimson Winter da HRANA, encerrada em 23 de fevereiro de 2026 com 7.007 mortes confirmadas, trata o final de dezembro de 2025 como o início do período. A contagem oficial do governo de 3.117, publicada em 1º de fevereiro de 2026, cobre a mesma janela.

O que aconteceu no Irã em janeiro de 2026: um registro datado dos protestos do Inverno Carmesim, as Duas Noites de 8 e 9 de janeiro, o massacre de Rasht e todos os números de mortos publicados.

Relacionados: Israel, os EUA e o Irã — como os iranianos viram os ataques: a guerra de doze dias de junho de 2025, a Operação Fúria Épica em 2026, o registro de alvos e os civis mortos mesmo assim.

Em trinta e um dias, um movimento de protesto que começou por causa de preços e apagões se tornou o confronto mais mortal entre a República Islâmica e seus próprios cidadãos desde 1979. Esta página registra o que aconteceu, dia a dia, e coloca lado a lado todos os números de mortos publicados para que os leitores possam ver exatamente onde eles divergem.

Quantos foram mortos? Ver o registro completo Monitor de mortes no Irã — contagens nominais verificadas, números oficiais e a diferença entre eles, por período.

Dia a dia

31 de dezembro de 2025 - 3 de janeiro de 2026	Antes da repressão A Anistia Internacional e a Human Rights Watch documentaram ao menos 28 manifestantes e transeuntes mortos em 13 cidades de 8 províncias. Em Malekshahi, província de Ilam, Reza Azimzadeh, Latif Karimi, Mehdi Emamipour, Fares (Mohsen) Agha Mohammadi e Mohammad Reza Karami foram baleados por forças da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) atirando do interior de uma base da Basij. Em Azna, província de Lorestan, Vahab Mousavi, Mostafa Falahi, Shayan Asadollahi, Ahmadreza Amani, Reza Moradi Abdolvand e Taha Safari — dezesseis anos, seu corpo retido da família — foram mortos.
3 de janeiro	O sinal do topo Ali Khamenei disse publicamente que “os desordeiros devem ser colocados em seu lugar.”
5 de janeiro	Sem clemência O Chefe do Judiciário instruiu promotores em todo o país a não mostrarem “clemência” em relação aos manifestantes detidos.
8 - 9 de janeiro	As Duas Noites O Estado passou da contenção policial para a repressão militar total. A IRGC recebeu uma ordem explícita de usar força letal contra civis desarmados. Atiradores de elite, veículos blindados de transporte de pessoal e vigilância por helicóptero foram mobilizados; instalações médicas foram alvejadas e médicos que tratavam manifestantes feridos foram presos. Em Rasht, a HRANA documentou ao menos 392 pessoas mortas, a grande maioria após a imposição de um apagão de internet. Leia o relato completo das Duas Noites.
22 de janeiro	A estimativa da ONU Mai Sato, Relatora Especial da ONU sobre Direitos Humanos no Irã, disse que o número de mortos poderia ultrapassar 20.000.
22 - 24 de janeiro	Relatórios internos vazados Relatórios internos da Organização de Inteligência da IRGC situaram o número em 33.000-36.500. Um relatório parlamentar vazado citou 27.500.
25 de janeiro	Duas publicações, dois números A Iran International publicou documentos vazados do Conselho Supremo de Segurança Nacional abrangendo mais de 400 cidades. A Time noticiou uma lista de 30.304 mortes relacionadas a protestos registradas em hospitais civis apenas nos dias 8 e 9 de janeiro, citando dois altos funcionários iranianos que afirmaram que a administração “ficou sem sacos para corpos” e usou “caminhões semi-reboques em vez de ambulâncias.”
1 de fevereiro	O número oficial O governo Pezeshkian publicou um número de 3.117 mortos, incluindo cerca de 214 forças de segurança.
23 de fevereiro	O relatório 'Inverno Carmesim' A HRANA publicou uma lista nominal verificada de 7.007 mortes confirmadas – 6.488 manifestantes adultos, 236 menores, 207 agentes de segurança e 76 não participantes – com 11.744 casos ainda em análise. O Iran International compilou de forma independente 6.634 nomes.

Todos os balanços de mortes publicados

Nenhuma investigação independente foi autorizada dentro do Irã. Estes são os números registrados publicamente até fevereiro de 2026, com suas respectivas fontes.

Fonte	Mortos	Observação
Governo do Irã (1º de fevereiro de 2026)	3,117	Contagem oficial, incluindo cerca de 214 forças de segurança
HRANA, <i>Inverno Carmesim</i> (23 de fevereiro de 2026)	7,007	Lista nominal verificada; 11.744 casos ainda em análise
Iran International (lista nominal)	6,634	Nomes compilados de forma independente
Relator Especial da ONU (22 de janeiro de 2026)	20,000+	Apresentado como um piso possível, não uma contagem verificada
Relatório parlamentar vazado	27,500	Vazamento não verificado
Time (25 de janeiro de 2026)	30,304	Registros hospitalares apenas dos dias 8 e 9 de janeiro
Relatórios vazados da Inteligência da IRGC	33,000-36,500	Vazamento não verificado, mais de 400 cidades

O mês em que os números foram fixados, o presidente pediu desculpas e a guerra começou.

Relacionado: Israel, os EUA e o Irã — como os iranianos viram os ataques: a guerra de doze dias em junho de 2025, a Operação Fúria Épica em 2026, o histórico de alvos e os civis mortos mesmo assim.

Fevereiro de 2026 encerrou o Inverno Carmesim e abriu outra coisa. Esta página registra o mês dia a dia: os números concorrentes de mortos publicados nele, o primeiro pedido de desculpas presidencial na história da República Islâmica e a campanha militar que começou em seu último dia.

Quantos foram mortos? Veja o rastreador de mortes no Irã — contagens nominais verificadas, números oficiais e a diferença entre eles, por período.

Dia a dia

1 de fevereiro	A contagem oficial O governo Pezeshkian publicou um número de 3.117 mortos, incluindo cerca de 214 forças de segurança — o primeiro e único número nacional do Estado.
Início de fevereiro	Funerais como protesto As cerimônias de quadragésimo dia em memória dos mortos de janeiro atraíram multidões em Rasht, Kermanshah, Javanrud e Neyshabur. Várias foram dispersadas com tiros reais, gerando mais mortes e mais funerais.
11 de fevereiro	Pezeshkian pede desculpa No aniversário da revolução de 1979, o Presidente Masoud Pezeshkian pediu desculpas publicamente à nação — sem nomear um perpetrador, abrir uma investigação ou libertar um único detido.
Meados de fevereiro	Execuções retomadas Sentenças de morte relacionadas com os protestos avançaram pelos tribunais revolucionários. O número de detidos ultrapassou os 100.000, segundo grupos de monitorização, com advogados e médicos entre os presos.
23 de fevereiro	HRANA encerra a sua lista A HRANA publicou 7.007 mortes confirmadas para o Inverno Carmesim: 6.488 manifestantes, 236 menores, 207 agentes de segurança e 76 transeuntes, com mais 11.744 casos em análise.
28 de fevereiro	Operação Fúria Épica Após o fracasso das negociações, os Estados Unidos e Israel lançaram uma campanha militar conjunta contra o Irão — cerca de 900 ataques nas primeiras doze horas. O Líder Supremo Ali Khamenei foi morto nas primeiras vagas. Seguiu-se um segundo apagão nacional da internet.

Os balanços, lado a lado

Fevereiro é o mês em que os números foram fixados no registo público — e o mês em que ficou claro que nunca coincidiriam.

Governo, 1 de fevereiro de 2026	3,117 — contagem oficial do governo Pezeshkian, incluindo cerca de 214 forças de segurança.
Iran International	6,634 mortos nomeados, compilados de forma independente. Menos de 100 nomes coincidem com a lista do governo.
HRANA, 23 de fevereiro de 2026	7,007 mortes verificadas; 11.744 casos ainda em análise.
Relator Especial da ONU	20,000+ declarou em 22 de janeiro de 2026.
Inteligência vazada do IRGC	33.000–36.500 em relatórios internos datados de 22 a 24 de janeiro de 2026.

SEÇÃO 3

As noites de 8 e 9 de janeiro de 2026

As Duas Noites de 8 e 9 de janeiro de 2026 — massacre de Rasht e as 48 horas mais sangrentas do Inverno Carmesim no Irã.

As Duas Noites.

O que os números vazados apenas esboçam, as testemunhas oculares tornam irrefutável.

Atenção: esta seção contém registros fotográficos de fatalidades, manifestantes feridos, sacos para cadáveres e necrotérios. As imagens são reproduzidas aqui sob as disposições de uso justo (fair use) editorial, visto que os próprios eventos estão sendo negados.

A ordem para matar.

Em 8 de janeiro de 2026, o regime passou do controle policial para a repressão militar total. O Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) recebeu ordens explícitas para usar força letal contra civis desarmados — a repressão mais violenta da história da República Islâmica. Unidades do IRGC e da Basij empregaram atiradores de elite, veículos blindados de transporte de pessoal e vigilância por helicóptero. Instalações médicas foram alvejadas; médicos que tratavam manifestantes feridos foram presos.

massacre de Rasht de 2026 **massacre de Rasht de 2026:** a HRANA documentou pelo menos 392 mortos apenas em Rasht, a grande maioria após a imposição de um blecaute de internet. A Anistia Internacional e a Human Rights Watch documentaram pelo menos 28 manifestantes e transeuntes mortos em 13 cidades de 8 províncias entre 31 de dezembro de 2025 e 3 de janeiro de 2026 — antes do início da fase mais intensa da repressão. Em *Malekshahi, província de Ilam*: Reza Azimzadeh, Latif Karimi, Mehdi Emamipour, Fares (Mohsen) Agha Mohammadi e Mohammad Reza Karami foram baleados por forças do IRGC atirando de dentro de uma base Basij. Em *Azna, província de Lorestan*: Vahab Mousavi, Mostafa Falahi, Shayan Asadollahi, Ahmadreza Amani, Reza Moradi Abdolvand e Taha Safari — de dezesseis anos, cujo corpo foi retido e não entregue à família.

Em 3 de janeiro, Khamenei declarou que "os manifestantes deveriam ser colocados em seu devido lugar". Em 5 de janeiro, o Chefe do Judiciário ordenou que os promotores não demonstrassem "nenhuma clemência". As autoridades coagiram famílias de vítimas a aparecerem na mídia estatal culpando acidentes pelas mortes, sob ameaça de sepultamentos clandestinos caso se recusassem.

A disputa sobre os mortos.

O número de mortos tornou-se um dos dados mais contestados na história moderna do Irã. A contagem oficial do governo Pezeshkian, publicada em 1º de fevereiro de 2026, foi de **3.117** (incluindo cerca de 214 forças de segurança). A lista verificada e nomeada da HRANA, publicada em 23 de fevereiro de 2026 em um relatório intitulado *O Inverno Carmesim*, registrou **7.007** mortes confirmadas — 6.488 manifestantes adultos, 236 menores, 207 membros das forças de segurança e 76 pessoas que não participavam dos atos — com 11.744 casos ainda em análise. A Iran International compilou de forma independente **6.634** nomes. Uma rede de médicos que conversou com o *The Guardian* alertou que o número poderia exceder **30.000**.

SEÇÃO 4

Vítimas, detenções e execuções

Quantas pessoas a República Islâmica matou em repressões a protestos e execuções — números nominais verificados, cifras oficiais e a lacuna entre eles.

Resposta curta: no levante do Inverno Carmesim de 2025-2026, a HRANA verificou **7.007 mortes nominais** até 23 de fevereiro de 2026 — 6.488 manifestantes adultos, 236 menores e 207 agentes de segurança — com 11.744 casos ainda em análise. O próprio governo iraniano admitiu **3,117**; altos funcionários citados pela Iran International colocam o número acima de **30,000**; os registros hospitalares apenas das duas noites de 8 a 9 de janeiro registraram **30,304**. Estimativas mais altas vão além: um relatório de médicos dentro do Irã citado pelo *The Sunday Times* contou **16.500 mortos e cerca de 330.000 feridos** até 18 de janeiro; documentos classificados vazados revisados pela Iran International colocam o número de dois dias acima de **36,500**; e Reza Pahlavi, citando redes da diáspora e médicas, afirmou aproximadamente **50,000** mortos, incluindo cerca de 15.000 em Teerã. Alegações de que o número real excede **100,000** circulam amplamente e ainda não podem ser corroboradas — o número verificado de **100,000+** é para detenções. No levante Mulher, Vida, Liberdade de 2022 **551 pessoas, incluindo 71 crianças**, foram mortas. Cada número abaixo traz a data em que foi confirmado pela última vez e a organização que o publicou.

Número de mortos por período

Período	Mortos	Detidos	Atualizado em	Fonte
2025-2026 — Revolta do Inverno Carmesim	7.007 nomes verificados 3.117 oficiais · 16.500 (médicos, 18 jan.) · 30.304 registo hospitalar · 36.500+ documentos divulgados · 40.000 (NCRI/Pompeo) · 42.000+ estimados · ~50.000 (Pahlavi) · 100.000+ alegados, não corroborados	100,000+	23 fev. 2026	HRANA, Iran Human Rights, Iran International
8-9 janeiro 2026 — as Duas Noites	392 só em Rasht 30.304 mortes registadas em hospitais nas 48 horas	—	24 jan. 2026	HRANA, Time, BBC
2022-2023 — Mulher, Vida, Liberdade	551 (incl. 71 crianças)	22,000+	15 set. 2023	Iran Human Rights
30 de setembro de 2022 — Sexta-Feira Sangrenta, Zahedan	96+	—	2023	Anistia Internacional
Novembro de 2019 — protestos contra o preço dos combustíveis	304+ (Reuters noticiou até 1.500)	7,000+	Dez. 2019	Anistia Internacional, Reuters
Verão de 1988 — massacres nas prisões	4,500-30,000 (estimativas)	—	1988	Anistia Internacional, especialistas da ONU
Execuções judiciais anuais, 2024	972	—	2024	Iran Human Rights
Execuções judiciais anuais, 2025	1,500+	—	2025	Iran Human Rights

2025-2026: o Inverno Carmesim

A revolta que começou com os protestos de dezembro de 2025 e explodiu em 8 de janeiro de 2026 produziu a repressão mais mortal da história da República Islâmica. Quatro números diferentes circulam, e medem quatro coisas diferentes:

- **7.007 — nomes verificados.** A HRANA encerrou sua lista em 23 de fevereiro de 2026: 6.488 manifestantes adultos, 236 menores, 207 agentes de segurança. Outras 11.744 mortes relatadas permaneciam em análise. Este é um piso: cada entrada tem nome, local e data.
- **3.117 — a admissão do Estado.** Anunciado em 1º de fevereiro de 2026, após semanas de negação e pouco antes do pedido público de desculpas do governo em 11 de fevereiro.
- **30.304 — o registro hospitalar.** A Time noticiou uma lista de mortes relacionadas a protestos registradas em hospitais civis apenas nos dias 8 e 9 de janeiro, citando autoridades com acesso aos registros.
- **30.000 a 42.000+ — vazamentos e estimativas oficiais.** Altos funcionários iranianos citados pela Iran International situaram o número acima de 30.000; estimativas mais amplas ao longo de toda a revolta ultrapassam 42.000.

A maior taxa de execuções per capita do mundo, explicada: totais anuais, as acusações capitais e cada execução documentada de protesto, pelo nome.

Execuções.

O Irã é o maior executor per capita do mundo. Esta página lista manifestantes e dissidentes nomeados executados judicialmente pela República Islâmica desde o início da revolta Mulher, Vida, Liberdade em setembro de 2022, com data, acusação e fonte.

- **Enforcamentos públicos e execuções de protesto** — a lista nominal de 32 casos documentados desde 2020, com data, cidade, acusação e fonte.
- **Número de mortos no Irã, período por período** — quantos mortos em cada repressão e por que os números diferem.
- **Memoriais** — biografias completas de vítimas individuais, incluindo as executadas.
- **Banco de dados de vítimas** — o registro pesquisável por trás de ambas as páginas.

Quantas pessoas o Irã executa por ano?

A Iran Human Rights (IHR) registrou **972 execuções em 2024** — o maior número anual desde 2008 — e pelo menos **1.500+ execuções em 2025**, o maior desde os assassinatos em massa de 1988. O Irã responde por aproximadamente **três em cada quatro execuções registradas no mundo**. Os números aqui cobrem apenas execuções relacionadas a protestos; execuções por tráfico de drogas e crimes comuns são monitoradas separadamente pela IHR.

2022-2023 — Execuções de Mulher, Vida, Liberdade

- **Mohsen Shekari**, 23 — enforcado em 8 de dezembro de 2022, Teerã. Acusação: "moharebeh" (guerra contra Deus) por supostamente ferir um membro da Basij. Primeiro manifestante executado na revolta.
- **Majidreza Rahnavard**, 23 — enforcado em público em 12 de dezembro de 2022, Mashhad. Acusação: "moharebeh".
- **Mohammad Mehdi Karami**, 22 — enforcado em 7 de janeiro de 2023, Karaj. Acusação: "corrupção na terra". Campeão de caratê; julgado em conjunto com Hosseini.
- **Seyed Mohammad Hosseini**, 39 — enforcado em 7 de janeiro de 2023, Karaj. Treinador voluntário de crianças. Relatos de espancamento e choques elétricos durante interrogatório.

- **Saleh Mirhashemi · Majid Kazemi · Saeed Yaghoubi** — enforcados em 19 de maio de 2023, Isfahan. Conhecido como o caso "Casa de Isfahan". Todos relataram tortura; o áudio da confissão de Kazemi vazou da prisão.
- **Milad Zohrevand**, 21 — enforcado em 23 de novembro de 2023, Hamadan. Condenado em julgamento fechado.

SEÇÃO 5

O aparelho de repressão

Uma explicação em linguagem simples sobre o Corpo de Guardas da Revolução Islâmica — sua estrutura, seu poder econômico e seu papel na repressão de protestos.

Resposta curta. O IRGC (Corpo de Guardas da Revolução Islâmica, ou Sepah-e Pasdaran) é o exército paralelo do Irã, fundado em 1979 para defender a República Islâmica, e não as fronteiras do país. Responde diretamente ao Líder Supremo, comanda a milícia Basij e a Força Quds de operações estrangeiras, e controla uma grande parte da economia iraniana.

O que significa IRGC?

IRGC significa **Corpo de Guardas da Revolução Islâmica**, conhecido em persa como *Sepah-e Pasdaran-e Enqelab-e Eslami* (سپاه پاسداران انقلاب اسلامی), geralmente abreviado para *Sepah*. Foi criado por decreto em abril de 1979, semanas após a revolução, como uma força leal à nova liderança clerical e separada do exército regular (Artesh).

Quem controla o IRGC?

O IRGC se reporta ao **Líder Supremo**, atualmente Ali Khamenei, e não ao presidente eleito ou ao parlamento. O seu comandante-chefe é nomeado pelo Líder e pode ser destituído por ele. Esta cadeia de comando explica porque é que a Guarda é melhor compreendida como o exército do regime, e não como um exército nacional.

Quais são os principais ramos do IRGC?

Ramo	Função
Forças Terrestres	Segurança interna e controlo provincial; mobilizadas contra protestos.
Força Aeroespacial	Mísseis balísticos e drones.
Marinha	Embarcações de ataque rápido no Golfo Pérsico e no Estreito de Ormuz.
Força Quds	Operações e redes de representação fora do Irão.
Basij	Milícia paramilitar voluntária mobilizada para repressão de rua e vigilância.
Organização de Inteligência	Prisões, interrogatórios e alas próprias dentro das prisões.

História, base legal e vítimas da polícia da moral do Irã (Gasht-e Ershad). Inclui a detenção de Mahsa Amini em 2022 e a repressão do Plano Noor em 2024.

A Polícia da Moral.

A Patrulha de Orientação do Irã (Gasht-e Ershad) — comumente chamada de "polícia da moral" — é a força uniformizada responsável por impor o código de vestimenta obrigatório da República Islâmica às mulheres em público. Seus agentes detiveram Mahsa Amini horas antes de sua morte; em 2024, o governo reativou as patrulhas como parte do Plano Noor ("Luz").

O que é a polícia da moral do Irã?

A **Patrulha de Orientação** (em persa: *Gasht-e Ershad*, گشت ارشاد) é uma unidade especializada da polícia nacional FARAJA, criada em 2005 sob o presidente Mahmoud Ahmadinejad. Sua missão formal é impor a interpretação da República Islâmica sobre "castidade pública" — esmagadoramente direcionada às roupas, cabelos e conduta das mulheres em espaços públicos.

De onde vem a polícia da moral?

O véu obrigatório foi imposto pelo decreto do aiatolá Khomeini em março de 1979 e codificado em 1983. De 1979 a 1992, a aplicação foi realizada pelo **Komiteh** (Comitês Revolucionários) e pelo Basij. A Patrulha de Orientação substituiu as anteriores "Patrulhas da Castidade" em 2005 para fornecer uma presença mais visível e uniformizada com vans identificadas.

A história do hijab obrigatório no Irã (1979–2026): Artigo 638 do Código Penal, o Projeto de Lei da Castidade e do Hijab de 2023, o Plano Noor de 2024 e as mulheres que resistem a eles.

A lei do hijab no Irã.

O véu obrigatório está consagrado na lei iraniana desde 1983. O Projeto de Lei da Castidade e do Hijab de 2023–2024 ampliou as penalidades para incluir multas de US\$ 8.500, penas de prisão de dez anos, açoitamento e proibição de viagem. Esta página acompanha a lei, sua aplicação e as mulheres que a ela resistem.

Quando o Irã tornou o hijab obrigatório?

Em 7 de março de 1979, menos de um mês após a revolução, o aiatolá Khomeini decretou que as mulheres em locais de trabalho governamentais deveriam usar hijab. Protestos massivos de mulheres em Teerã em 8 de março de 1979 — Dia Internacional da Mulher — forçaram temporariamente uma retirada. Em julho de 1980, o hijab tornou-se obrigatório em todos os escritórios públicos e, em 26 de julho de 1983, o novo Código Penal Islâmico (Artigo 102, posteriormente Artigo 638) criminalizou qualquer mulher que aparecesse em público "sem hijab adequado".

O que diz a lei atual?

O Artigo 638 do Código Penal Islâmico do Irã prescreve prisão de 10 dias a 2 meses ou multa para mulheres que apareçam em público "sem um hijab que esteja de acordo com a sharia". Na prática, a aplicação também se baseia no Artigo 639 (corrupção da moral pública), regulamentos de licenciamento comercial e códigos de trânsito usados para apreender carros cujas ocupantes estejam sem véu.

O Líder Supremo, os comandantes da Guarda Revolucionária e da Força Quds, o judiciário, o Conselho dos Guardiões e os principais ideólogos do regime — um documentário sobre quem é quem no poder no Irã em 2026.

Os nomes por trás do recorde.

O poder na República Islâmica percorre três estruturas sobrepostas: o gabinete do Líder Supremo, a Guarda Revolucionária Islâmica e um aparato clerical-judicial que examina candidatos e profere sentenças. Esta página traça o perfil dos indivíduos que ocupam esses cargos em 2026, o que cada um controla e quais deles estão sob sanções internacionais. Cada afirmação aqui é extraída de cargos públicos, declarações oficiais e listas de designação publicadas.

Ali Khamenei — Líder Supremo da República Islâmica desde 1989

Nascido em 1939 em Mashhad. Presidente do Irã de 1981 a 1989, depois nomeado Líder Supremo após a morte de Khomeini em junho de 1989. De acordo com a constituição iraniana, ele é o comandante-em-chefe das forças armadas, nomeia o chefe do judiciário, metade do Conselho dos Guardiões e os diretores da radiodifusão estatal (IRIB). Ele tem a palavra final sobre política nuclear, estratégia regional e o tratamento de protestos. É designado pelos Estados Unidos, pela União Europeia, pelo Reino Unido e pelo Canadá em conexão com abusos de direitos humanos e a repressão aos protestos de 2022–2026.

SEÇÃO 6

A resposta internacional

Resposta mundial aos protestos no Irã 2026 — como a ONU, UE, EUA e a mídia global abandonaram os iranianos.

A Hipocrisia do Mundo.

A postura ocidental predominante em relação à guerra de 2026 foi de “moderação” — uma estrutura humanitária que se apresentava como a posição moral. Seu histórico real em relação às vidas iranianas é o oposto do que alega.

Sancionar os símbolos, licenciar os barris.

Nos mesmos meses em que as chancelarias europeias pediam a desescalada em nome da proteção de civis, a República Islâmica matava civis a um ritmo mais rápido do que em qualquer outro momento de sua história — dezenas de milhares em duas noites, seguidas por um enforcamento político a cada dois dias. A posição de “não à guerra” não salvou essas vidas. Foi mobilizada contra a única força que o regime não conseguia absorver — a pressão externa sobre sua liderança — enquanto nada fazia para deter a violência interna já em andamento.

Siga o rastro do petróleo. Em **setembro de 2025**, três meses antes do Inverno Carmesim, o Irã exportou **2,13 milhões de barris por dia** de petróleo bruto — o maior número mensal do ano, um nível acima do pico da “pressão máxima” do primeiro mandato de Trump. Cerca de **87%** foram para a **China**, vendidos com um desconto de **10 a 30 dólares em relação ao Brent**, liquidados através de uma cadeia de sistema bancário paralelo de 45 dias. FDD, out. de 2025.

A China, sozinha, compra cerca de **90%** do petróleo do Irã, fornecendo aproximadamente **45%** do orçamento do governo iraniano — o orçamento que paga o IRGC e o Basij. Comissão EUA-China, nov. de 2025.

O slogan era sobre as bombas de combustível do Ocidente, não sobre as vidas iranianas.

Esta é a estrutura: **sancionar os símbolos do regime, licenciar seus barris**. Sancionar a polícia da moralidade, licenciar os navios-tanque que pagam por ela. Designar o IRGC e depois isentar os fluxos de petróleo cujos impostos o equipam. Os iranianos baleados nas ruas e enforcados nas prisões estão pagando a conta pelo combustível barato do qual o resto do mundo prefere não abrir mão.

Então vem o slogan: **não à guerra**. Como se a guerra já não tivesse começado — dentro do Irã, contra os iranianos, em 1981 e 1988 e 2009 e 2019 e 2022 e novamente em janeiro de 2026. Como se os manifestantes que carregaram as bandeiras de *Zan*, *Zendegi*, *Azadi* pelos centros de suas próprias cidades não tivessem acabado de enterrar trinta mil dos seus. Como se quarenta e sete anos de guerra interna pudessem ser apagados por cartazes ocidentais.

Autoridades iranianas nomeadas responsáveis por assassinatos de manifestantes, tortura e aplicação do hijab, além de modelos de cartas para deputados/congressistas/eurodeputados pressionarem por sanções do tipo Magnitsky.

Sanções.

Um guia prático para pressionar seu governo a impor sanções do tipo Magnitsky às autoridades iranianas diretamente responsáveis por matar manifestantes, torturar presos e aplicar o hijab obrigatório — com perpetradores nomeados e cartas-modelo para seus representantes.

Por que sanções?

As ações judiciais de jurisdição universal são lentas. As sanções, não. Congelamento de ativos e proibição de viagens no estilo Magnitsky contra perpetradores nomeados — juízes, diretores de prisões, comandantes da IRGC, comandantes da FARAJA — impõem custos pessoais imediatos, sinalizam a oficiais de escalão médio que sua participação será lembrada e criam um rastro documental para futuros julgamentos.

Perpetradores nomeados

As seguintes autoridades foram publicamente nomeadas pela Missão de Investigação da ONU sobre o Irã, pela Anistia Internacional, pelo Iran Human Rights (IHR) e pela HRANA. A maioria já está sob sanções da UE e/ou do Reino Unido; poucos estão sob sanções dos EUA; quase nenhum está sob sanções do Canadá ou da Austrália.

- **Ali Khamenei** — Líder Supremo. Autoridade máxima sobre a IRGC, o Judiciário e o Conselho dos Guardiões. Sancionado: EUA, Reino Unido.
- **Hossein Salami** — Comandante-em-Chefe da IRGC desde 2019. Sancionado: UE, Reino Unido.
- **Gholamreza Soleimani** — Comandante do Basij. Sancionado: UE, Reino Unido.
- **Ahmadreza Radan** — Chefe da FARAJA desde janeiro de 2023. Supervisiona a Patrulha de Orientação e o Plano Noor de 2024. Sancionado: UE, Reino Unido.
- **Gholamhossein Mohseni-Eje'i** — Chefe do Judiciário desde 2021. Assinou pessoalmente múltiplas sentenças de morte contra manifestantes. Sancionado: UE, Reino Unido.
- **Abolghasem Salavati** — "Juiz da Morte" da 15.^a Vara do Tribunal Revolucionário de Teerão. Sancionado: UE, RU, EUA.
- **Mohammad Moghisseh** — 28.^a Vara do Tribunal Revolucionário de Teerão. Assassinado em janeiro de 2024, mas relevante para efeitos de herança em ações cíveis.
- **Esmail Khatib** — Ministro da Informação (Etela'at). Sancionado: UE, RU.

A guerra de doze dias de junho de 2025 e a Operação Fúria Épica de 2026: por que muitos iranianos saudaram os ataques estrangeiros à República Islâmica, o que mostra o registro de alvos e os civis que foram mortos mesmo assim.

Duas vezes em oito meses, Israel e os Estados Unidos atacaram a República Islâmica pelo ar: a guerra de doze dias de junho de 2025 e a Operação Fúria Épica, lançada em 28 de fevereiro de 2026 enquanto o Estado ainda atirava em manifestantes em suas próprias ruas. Na maioria dos países, tais ataques unificam a população em torno de seu governo. No Irã, fizeram quase o oposto — e a razão é o tema desta página.

O que aconteceu

13 a 24 de junho de 2025	A guerra de doze dias Israel abriu uma campanha aérea contra a infraestrutura militar e nuclear iraniana, matando grande parte do alto comando da IRGC nas primeiras horas. Aeronaves dos Estados Unidos atacaram os sítios fortificados de enriquecimento. Um cessar-fogo entrou em vigor em 24 de junho. Monitores independentes contaram bem mais de mil mortos no Irã, várias centenas deles civis.
Dez 2025 - Fev 2026	O Inverno Carmesim Entre as duas campanhas, a República Islâmica matou seus próprios cidadãos em uma escala que nenhuma força aérea estrangeira se aproximou. Apenas em 8 e 9 de janeiro de 2026 a IRGC recebeu ordens de atirar em multidões desarmadas. Este é o contexto no qual os iranianos julgaram o que veio depois.
28 de fevereiro de 2026	Operação Fúria Épica Após o fracasso das negociações, os Estados Unidos e Israel lançaram uma campanha conjunta — cerca de 900 ataques nas primeiras doze horas contra defesas aéreas, produção de mísseis e centros de comando da IRGC e do Basij. O Líder Supremo Ali Khamenei foi morto nas primeiras ondas. O Irã retaliou com drones e mísseis balísticos, e um segundo apagão nacional da internet caiu sobre o país. Veja o registro de fevereiro.

Por que muitos iranianos não viram um inimigo

Unir-se em torno da bandeira é a resposta comum a ser bombardeado. Não aconteceu aqui, ou não na escala que a República Islâmica esperava. A televisão estatal convocou unidade nacional contra o agressor; as ruas não responderam. Em várias cidades, manifestantes saíram na mesma semana, gritando contra o governo, e não contra os aviões.

SEÇÃO 7

Metodologia e limitações

Fontes em que nos baseamos

- **Iran Human Rights (IHR)** — Oslo. Fonte primária para contagem de execuções.
- **HRANA — Agência de Notícias de Ativistas de Direitos Humanos** — rede dentro do Irã. Fonte primária para contagem de prisões.
- **Anistia Internacional** — investigações em nível de caso e análise de direitos.
- **Missão de Apuração de Fatos da ONU sobre o Irã (OHCHR)** — o registro legal mais autorizado.
- **Hengaw** para regiões curdas; **Campanha de Ativistas Balúchis** para Sístão-Baluchistão.
- **Centro Abdorrahman Boroumand (Omid)** — arquivo histórico de 1979 até o presente.
- Reuters, BBC, AFP, Le Monde, AP para fotografia local e reportagens confirmadas.

Como um nome entra no registro

1. A morte, prisão ou sentença deve ser documentada por pelo menos dois monitores independentes, OU por um monitor mais confirmação da família, OU por um documento judicial.
2. A causa da morte deve ser declarada pela fonte. Quando o regime contesta a causa, ambas as versões são anotadas.
3. As fotografias são reproduzidas sob disposições editoriais de uso justo para documentação de graves violações de direitos humanos, com créditos quando conhecidos.

Contagens neste site

Quando dizemos **mais de 42.000 mortos** e **mais de 100.000 detidos** no Inverno Carmesim de 2025–2026, os números agregam relatos da IHR e da HRANA até fevereiro de 2026. São conservadores — os números reais, devido aos apagões de internet, são maiores.

Os números da revolta de 2022 que usamos (mais de 551 mortos, incluindo 71 crianças; mais de 22.000 detidos) são totais da IHR e da Anistia Internacional até fevereiro de 2023.

Principais relatórios de verificação (2026)

- BBC News & BBC News Persian — “Revelando nomes e rostos das vítimas da repressão aos protestos no Irã” (9 de fevereiro de 2026). A BBC Persian Forensic verificou as identidades de mais de 200 manifestantes mortos.
- BBC Persian — arquivo interativo de vítimas.
- Iran Human Rights — Sasan Azadvar, décimo manifestante enforcado em 42 dias (30 de abril de 2026).
- Iran International — corpo do executado Amirhossein Hatami, de 18 anos, retido (abril de 2026).
- Wikipedia — Massacres no Irã em 2026 (registro enciclopédico atualizado continuamente).

Correções

Se você tiver novas informações, um nome ausente, uma data errada ou uma correção para uma história neste site, escreva para corrections@iranholocaust.org. Cada e-mail é lido.

Como lidamos com números de mortos conflitantes

Sobre o Irã, a falha mais comum na cobertura é um único número apresentado sem proprietário ou data. Nunca mesclamos números incompatíveis. Onde as organizações discordam, cada número aparece com o órgão que o publicou, a data em que foi confirmado pela última vez e o que ele mede.

SEÇÃO 8

Recomendações

Estas recomendações decorrem do registro estabelecido acima e são dirigidas a estados, organismos multilaterais e organizações da sociedade civil com mandato ou capacidade de agir:

1. Estender e dotar adequadamente de recursos o mandato de investigação internacional independente sobre o Irão, com um encargo explícito sobre os acontecimentos de 2025-26.
2. Preservar as provas: arquivar vídeos verificados, registros médicos, documentos judiciais e registros de enterro de acordo com padrões admissíveis em futuros processos.
3. Aplicar medidas direcionadas contra comandantes, juízes e funcionários prisionais nomeados envolvidos em mortes, tortura e julgamentos capitais injustos.
4. Apoiar ferramentas de circunvenção e conectividade resiliente para utilizadores iranianos durante interrupções.
5. Proteger as famílias das vítimas e os detidos libertados de represálias, inclusive através de vistos humanitários acelerados.
6. Publicar posições nacionais sobre execuções de manifestantes e levantar casos individuais pelo nome.

ANEXO

Fontes e conjuntos de dados

Fontes primárias e secundárias utilizadas em todo o arquivo, e os conjuntos de dados legíveis por máquina dos quais os números neste relatório são extraídos.

Como lidamos com números de mortos conflitantes

Tipo	Definição	Exemplo
Contagem nominal verificada	Indivíduos confirmados por duas fontes independentes, com nome, data e local	7.007 mortes nominais (HRANA, 23 de fevereiro de 2026)
Admissão oficial	Número declarado pelo próprio Estado iraniano; tratado como piso, nunca como total	3.117 (autoridades iranianas, 2026)
Baseado em registros ou documentos	Derivado de registros hospitalares ou documentos internos vazados	30.304 mortes registradas em hospitais para 8 e 9 de janeiro de 2026
Estimativa ou alegação	Projeções e declarações de figuras políticas ou redes; sempre identificadas como tal	~50.000 (Reza Pahlavi, citando redes da diáspora e médicas)

Imagens e gravações

As fotografias neste site provêm do Wikimedia Commons, de materiais distribuídos por agências ou de organizações documentais, e são armazenadas localmente para que um link externo quebrado não altere silenciosamente o que uma página exibe. As legendas indicam o que é retratado e, quando relevante, que a identificação é feita pela organização documental, não por nós. Não publicamos imagens gráficas de mortos quando existe um retrato fornecido pela família. Não usamos imagens geradas por inteligência artificial para retratar qualquer evento, pessoa ou lugar real; quando uma ilustração é gerada, ela é identificada como tal.

Tradução

As páginas são publicadas em 41 idiomas. As traduções são assistidas por máquina e depois verificadas quanto à terminologia, nomes e números, que nunca são localizados para valores diferentes. Quando uma página traduzida está desatualizada em relação ao original em inglês, a versão em inglês é a versão de referência. Reporte um erro de tradução para o endereço de correções; o local e a URL são suficientes.

Independência e financiamento

Este site não aceita financiamento de nenhum governo, partido político, organização de exilados — incluindo os Mojahedin-e Khalq e o NCRI — ou patrocinador comercial. Não veicula anúncios e não aceita doações. O conteúdo é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0, para que possa ser copiado, traduzido e republicado sem permissão, inclusive por partes que discordem dele.

O que não fazemos

- Não recebemos direcionamento editorial de nenhum governo, partido, grupo de exilados ou ONG.
- Não publicamos nomes sob pressão de famílias que solicitem privacidade.

Independência

Nenhum governo, partido, facção exilada, ONG ou doador tem controle editorial. O site não aceita publicidade nem doações. Os mantenedores dedicam seu tempo como voluntários.

Fotografia e licenciamento

Fotografias do Wikimedia Commons são reproduzidas sob suas licenças declaradas, com crédito. Imagens da BBC, Reuters, AP, AFP e Sipa via Le Monde são reproduzidas sob disposições editoriais de uso justo para a documentação de graves violações de direitos humanos, com crédito quando conhecido.

Uso de IA

IA generativa é usada apenas para rascunhos de tradução e revisão de texto de material com fontes citadas. Nenhuma citação, imagem ou identidade fabricada por IA aparece neste site. Cada fato mantém uma fonte primária verificada por humanos.

Política de correções

Erros são corrigidos em até 48 horas após a confirmação. Correções materiais (nome errado, causa da morte errada, data errada) são registradas no final da página afetada. Escreva para corrections@iranholocaust.org.

Conjuntos de dados

- **Vítimas nomeadas** — iranholocaust.org/data/victims.json
- **Cronologia, 1979-2026** — iranholocaust.org/data/timeline.json
- **Fatos principais** — iranholocaust.org/data/key-facts.json
- **Entidades nomeadas** — iranholocaust.org/data/entities.json
- **Citações de fontes** — iranholocaust.org/data/citations.json
- **Dados comparativos de atrocidades** — iranholocaust.org/data/comparison.json

Citação: iranholocaust.org, “O Inverno Carmesim: repressão da revolta de 2025-26 na República Islâmica do Irã” (09 September 2026). <https://iranholocaust.org/report.pdf>. Licenciado CC BY 4.0.